

SOCIABILIDADES E INTIMIDADES NOS NAMOROS DA DÉCADA DE 1970 - LAGES (SC)

VANESSA APARECIDA MUNIZ¹

Famílias tradicionais, oligárquicas, da cidade de Lages (SC), juntamente com uma nova burguesia formada por comerciantes, na sua maioria descendentes de italianos que haviam se instalado na serra catarinense no início do século XX e vinham enriquecendo financeiramente desde os anos 1930 por conta da indústria da madeira, nos anos 1970 entraram em crise. Isso ocorreu porque a madeira do pinheiro araucária, fonte do lucro, havia acabado e trazia a falência de empresários e desemprego as classes populares. Como consequência a cidade assistiu a uma virada política, a oligarquia da família Ramos, ligados a ARENA, que lideraram a cidade desde o início do século XX e que inclusive possuía importante influência política no Estado, perderam a eleição municipal em 1972 para a oposição, MDB – Movimento Democrático Brasileiro, representado por Juarez Furtado.

Mesmo em crise financeira, a cidade continuava recebendo habitantes de diversos lugares, chegando a quadruplicar o número populacional na década de 1970. Se compararmos com a década de 1950, 74 mil habitantes (tendo a sua maioria vivendo na zona rural) nos anos 1970 passaram para 128.728 mil, sendo que desses 89 mil viviam na cidade. Portanto, Lages de rural tornou-se urbana (SILVA, 1994: 30). Como consequência desses fatores, populacional, econômico e político, as classes economicamente mais abastadas da cidade fecharam-se entre si, na tentativa de manter seu *status*, distinção social.

Em meio essa busca para manter distinção social, por parte das classes ‘elitistas’, as novidades nos comportamentos mais ousados dos/as jovens dos anos 1970 - comparado às gerações anteriores 1950/60 que para conseguirem um beijo do/a namorado/o tinham que enfrentar meses de namoro no sofá da casa dos pais da moça - estavam chegando através do rádio, da TV, das revistas, dos filmes e estes também eram

¹ Vanessa Aparecida Muniz é mestre em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, 2012.

2

influenciados por acontecimentos ocorridos nos finais dos anos 1960 como o *Maio de 1968*, o festival *Woodstock* de 1969, os próprios movimentos nacionais estudiantis contra o regime civil militar, a *Passeata dos Cem Mil*, a *Tropicália*. Isso sem falar que a moda nos grandes centros era o lema: *sexo, drogas e rock and roll*. Nesse contexto, jovens lageanos/as, ainda de uma forma tímida, tiveram hábitos, comportamentos modificados.

A década de 1970 foi rica na quebra de costumes arraigados, transgressões, anseios de liberdade, as quais refletiam nas condutas dos/as jovens, e em especial nas formas de vivenciar a sexualidade. Vivia-se um tempo em que ideias e práticas conservadoras eram confrontadas com outras formas de vivenciar e encarar as lides com o corpo e os prazeres, e por vezes se mesclavam umas as outras.

Portanto, o que pretende-se levantar aqui é a discussão do namoro no privado nos anos 1970. Uma década onde as relações de namoro flexibilizaram-se, a maioria dos/as jovens viviam sua sexualidade antes do casamento.

Nesse particular, o lugar mais comum onde aconteciam contatos mais íntimos era dentro do carro. Nessa década, possuir carro, por si só, era distintivo e selecionava/estratificava pela classe social.

As referências e esta prática de namoro aparecem nas memórias dos/das jovens que viveram na década de 1970 em Lages. Assim, é instigante pensar que, numa cidade interiorana, conservadora e “elitista” (nas devidas proporções) esta prática tenha sido tão utilizada, lembrada hoje com saudosismo. Luís em entrevista, hoje com 58 anos, rememora como era dar-se visibilidade na sua juventude na posse de uma carro:

Em 76 eu tive meu primeiro carro. O carro era sinônimo de poder. Era frequente, a gente saía do Aero Clube com carro emprestado pra namorar. Na época dava pra você ir fumar lá em cima do Morro Grande, lá em cima onde é o seminário hoje, lá em cima, ali na ferrovia, você pegava o carro e ia lá namorar, fumar, namorar. E eu não tinha carro mas sempre meus amigos tinham carro e eles emprestavam pra você sair da boate e depois voltava. Um que emprestava bastante era o Beto [...]. Então ele tinha carro e sempre me emprestava, sempre tive facilidade, era comum chegar assim e dizer: “óh, me empresta o carro?” As meninas que iam eram namoradas da gente, não era tu chegar e levar uma menina da boate, a namorada que tu ia na boate, era namoro. As moças iam sozinhas, tinha lugares que a gente via que ia a família inteira, isso era comum. Mas quando a gente tava

namorando a gente saía o pessoal ficava lá dançando, a gente voltava e levava o pessoal pra casa. Era assim essa onda. ² (grifo meu)

A pesquisadora Adriza Figliuzzi analisou como a cultura cria significados e produz masculinidades (assim como feminilidades), e observou os brinquedos oferecidos na infância, sendo que para meninos os carrinhos são o ícone mais bem acabado da construção de subjetividades masculinas, e para as meninas, tudo o que tem relações com a maternidade. O que é brincadeira acaba por ser pedagógico na construção cultural de gênero (FIGLIUZZI, 2008).

Luiz reforça que “o carro era sinônimo de poder” e isso por certo provocava inveja, produzia diferenças, e construía masculinidades – na disputa entre ‘machos’, possuir era uma vantagem, pois as moças escolheriam estes homens. Vemos que havia a prática de emprestar o carro, evidenciando cumplicidade e coleguismo entre os jovens. Mas também distinção e vantagem de uns sobre outros na conquista de mulheres e a possibilidade de ter um contato mais íntimo, principalmente depois das discotecas. Lembrando que, por as discotecas terem um ambiente mais escuro, com menos luminosidade, isso propiciava mais liberdade e contato físico, incitando a ‘fugidinha’ no meio da noite para aprofundar o contato. Esse comportamento era também uma forma de transgressão, pois era possível aproveitar que os pais sabiam que seus filhos estavam na discoteca, num lugar público e poder sair de carro para exercer a sexualidade dentro do automóvel, uma forma de resistência aos costumes conservadores. Sobre isso Luís conta que se a moça ia na boate com ele, era ‘namoro’, isso quer dizer que se tentava manter um certo conservadorismo. Não se saía já no primeiro encontro, era com a namorada, a moça a qual eles mantinham um compromisso. O que nos leva a pensar que nessa situação, para essa geração jovem dos anos 1970, se fosse com a namorada era permitido.

Um ponto famoso para os namoros nos anos 1970 dentro dos carros em Lages era o Bar *Guairacá*, tanto casais de namorados como casais sem compromissos iam para lá, ficavam dentro ou ao redor dos carros bebendo, alguns faziam sexo dentro do

² Entrevista concedida por Luís. 58 anos. Lages, 26 de agosto de 2011.

4

automóvel, alguns se drogavam. Uma frequentadora do Bar nos anos 1970 nos conta como se davam os namoros ali e qual a impressão que o local causava:

No Guairacá, ali o pai - deus o livre falar em Guairacá! - o Guairacá fechou uma época por causa disso [...] tinha batidinha de abacaxi, coco, tipo caipirinha que faziam então a gente comprava garrafinha e ia pra dentro do carro tomar e daí ali começava beijinho, beijinho, quando viam já tavam grávida e daí tinha um vigia que batia no vidro, sabe? Só que suava o vidro do carro e ele batia: "parem, não sei o que". O pai... deus o livre dizer pro pai que ia no Guairacá, era a mesma coisa que dizer que tinha ido no motel, deus o livre! Daí de tanto os pais encherem o saco, conseguiram fechar o Guairacá. Que era o ponto de encontro, a gente saía do carro ficava todo mundo como se fosse uma praia. Daí claro, tinha uns que saiam, ficavam rindo, e todo mundo ia pra lá, era a nossa festa, não tinha computador, não tinha celular, não tinha tanta boate. Daí os pais conseguiram fechar. Daí o posto Coesa lá da Duque resolveu abrir em cima, daí foi pior ainda, aí o pátio era maior, o posto fechava virava só festa. Uma vez meu pai foi pegar um caminhão, ele ia de carona e o caminhão ia pegar ele lá, meu irmão deixou ele lá e ele foi caminhando pelo pátio e era sábado de madrugada e ele viu coisas horríveis, daí ele odiava. Depois voltou pro Guairacá de novo [...] ³

O que Lúcia nos permite imaginar, com este depoimento, é que havia a cobrança de comportamentos sobre os jovens, mas que havia a possibilidade da transgressão. Este lugar, o *Guairacá*, deve ter ficado nas memórias de muitos frequentadores pelas possibilidades que permitia, mas principalmente pela possibilidade do encontro – carros, som alto. Encontros de grupos são comuns ainda hoje em praias, pátios, praças, postos de gasolina. Segundo ainda conta Lúcia que seu pai ficou horrorizado com os namoros dentro dos carros, nessa ocasião num lugar público, esse comportamento para gerações anteriores não era comum e por isso era o confronto as formas de vivenciar a sexualidade.

1. A SEXUALIDADE, A GRAVIDEZ E AS FORMAS DE CONTROLE

Se o carro era um lugar de exercício da sexualidade, era nele que notadamente havia possibilidade de acontecer uma gravidez, e numa época em que não havia

³ Entrevista concedida por Lucia. 50 anos. Lages, 05 de setembro de 2011.

5
campanhas de controle de natalidade (e, ainda não se falava em AIDS). Lúcia fala que “[...] ia pra dentro do carro tomar e daí ali começava, beijinho, beijinho, quando viam tavam grávida”. Nos relatos é recorrente a narrativa de que nos anos 1970 em Lages apareceram várias mulheres grávidas e solteiras – “[...] foi a época que começou a aparecer mãe solteira. Então apareceu uma irmã de uma amiga nossa também mãe solteira, foi um escândalo, mas quem é o pai? Mas por que não casou? E entre nós comentávamos também, né? E ficava aquilo”,⁴ na memória de Regina.

Gravidez remete necessariamente o que chama de perder a virgindade, valor que há séculos é cobrado das mulheres, passaporte para um bom casamento, e pecado mortal para os católicos. Nesse sentido, reafirmando, a relação formal ocorrida entre um homem e uma mulher chamada de namoro se dá, além do público, também no privado. Assim, durante os anos 1970 algumas regras com relação à intimidade nos namoros foram quebradas. A principal delas é que as mulheres não se casavam mais virgens. Entretanto, as precauções com a gravidez (métodos contraceptivos) eram pouco conhecidas, mesmo estando na década em que a pílula já havia adentrado no Brasil. No depoimento de Regina pode-se perceber essa questão:

Nós já tínhamos bem mais de um ano de namoro quando eu perdi a virgindade. Então a gente passou a ter um relacionamento sexual. Mas eu vou te ser bem honesta, tá? Eu não sabia de pílula, eu não sabia de camisinha, nunca tinha ouvido falar, tá? Eu não sabia na primeira relação, segunda relação se eu era virgem ou não era mais virgem? Eu não sabia se ela tinha ou não acontecido? Porque realmente nós éramos... o que que a gente sabia era o que uma amiga contava pra outra, ninguém sabia por informação na escola, por informação de pai e mãe, por informação de novela, de lugar nenhum, nós sabíamos de contar uma pra outra né? Então nós passamos a ter relação sexual.⁵

Através do depoimento de Regina podemos entender que a sexualidade estava sendo vivida entre os/as jovens solteiros/as. Porém o uso de contraceptivos ainda era um obstáculo, passava por questão difícil de romper: moral e bons costumes. Vejamos o depoimento de Lúcia:

⁴ Entrevista concedida por Regina. 56 anos. Lages, 26 de agosto de 2011.

⁵ Idem.

6

*[...] o meu namorado fazia vaterinária e ele tinha um amigo que estudava com ele e namorava uma médica ginecologista, a Dra. Sandra Machado [...] aí eu fiquei amiga dela, e eu ia ali na Sandra e comecei a tomar pílula e transava com o meu namorado. **Eu era uma das poucas que tomava pílula e também porque ela me dava eu não precisava ir comprar.** ⁶ (grifo meu).*

A partir desse depoimento podemos compreender o motivo das moças não tomarem anticoncepcional. E o porquê de aparecerem mães solteiras, como nos conta nossa depoente. Pelo relato conclui-se que a questão moral das pessoas de cidade do interior como Lages era rígida. Nota-se que a cidade era conservadora, logo, era constrangedor uma moça entrar numa farmácia para comprar pílula, era dar o atestado de não virgindade. Isso porque as regras quanto a isso eram claras, a sociedade lageana não admitia sexo antes do casamento.

Ao falar de sociedade, a referência vem de instituições que legitimam essa regra de casamento virgem como Igreja, Escola, Estado, Família ao utilizarem-se de meios como o jornal para divulgar essas regras e/ou para desvalorizar novidades que pudessem ameaçar a ordem posta. O jornal da cidade, *Correio Lageano*, publicou na década aqui pesquisada alguns artigos de caráter negativo da pílula anticoncepcional, como este abaixo, de cunho religioso, retirada de outros jornais e que falava sobre :

Pílula provoca doenças graves

Em saint Lorus, nos EUA, foi processada a empresa G.D. Searle, fabricante dos anti-concepcionais “Ovulan”.

A espôsa do Sr. Alan Wienman, autor do processo, foi vitimada por graves problemas de saúde, depois de ter tomado a referida pílula.

O medicamento provocou nela disturbios nervosos, a paralização parcial de uma perna, dôres de cabeça e outras reações orgânicas.

Uma vez que a pílula contraria as leis da natureza, compreende-se que se aplique às pessoas infratoras o conhecido ditado francês: “expulsai a lei natural e ela voltará muitas vezes se manifesta em forma de vingança!”

Poder-se-ia acrescentar que sua volta á galope a galope. ⁷

Ao publicizar que a pílula prejudica a saúde da mulher, que “contraria as leis da natureza”, as mulheres estavam sendo disciplinadas e amendrontadas para não se utilizar de método contraceptivo e, portanto, nas entrelinhas dizia às mulheres que, se não quisessem engravidar que não fizessem sexo! Nesse sentido, sendo as mulheres que

⁶ Entrevista concedida por Lucia. 50 anos. Lages, 05 de setembro de 2011.

⁷ JORNAL *Correio Lageano*. Lages, 16 de abril de 1972.

7

engravidam, era para elas que os discursos se dirigiam. Afinal, ele era (ainda o é) uma das maneiras utilizadas pela sociedade burguesa para controlar e estabelecer normas e comportamentos sociais, produzindo sentidos e subjetividades, influenciando na formação de opinião, na instituição e veiculação de regras. Numa outra reportagem do jornal *Correio Lageano* do dia 27 de janeiro de 1970, tentava-se dificultar a compra de anticoncepcionais dizendo que: “estes só poderão ser adquiridos sob receita médica”.⁸ Essa era uma forma não só de dificultar, mas de tentar impedir o seu uso. Segundo Lúcia, “daí começou minhas amigas, todas grávidas, todas de nenê, quando não tiravam.”⁹

Ao que se refere à gravidez, depois de confirmada, segundo o lageano João, as jovens “normalmente casavam, grávidas, era difícil não casar entendeu? Tinha que casar. Minha ex-esposa engravidou no carro. O pai tinha carro entendeu?”¹⁰ Sim, havia casamentos às pressas antes que a barriga aparecesse para que não ficassem mal faladas, essa era a regra: engravidou tinha que casar. Entretanto, nem todos/as a seguiam, houve casos de que mesmo depois da gravidez os casais não se casaram. Nosso próprio depoente, João, por exemplo, não se casou com a sua namorada grávida, ao que disse “não, não deu, não quis, não tava afim”, e não falou mais sobre o assunto.

Assim como ele muitos outros e outras não quiseram se casar, por diversos motivos. Como por exemplo o caso da entrevistada Regina, que engravidou do seu namorado em 1973 aos 18 anos de idade. Nas palavras dela:

Eu gazei a aula e saí com ele e nós tivemos relacionamento sexual nesse dia e eu engravidei, aí quando eu engravidei a minha prima mais nova que eu um ano, ela também tinha um outro namorado e engravidou desse namorado e casou com ele. Porque era assim, engravidava casava porque tinha que reparar o que tinha feito, né? E aí eu engravidei, só que não estava mais namorando com o rapaz, daí o que ele começou? Filho não era dele, ele não tava mais namorando comigo, ele não ia assumir, aí a mãe chamou meu cunhado, meu cunhado foi falar com ele aí ele disse que ele não casava daí ele veio falar comigo, nesse momento eu tinha 18 e ele tinha 22 anos, daí ele disse assim pra mim: “olha se se eu tiver que casar com você eu caso mas no dia seguinte a gente vai se separar, eu não fico casado com você”. Ele achou, segundo ele dizia, que eu tinha feito de propósito pra amarrar ele sabe? Foi isso que ele alegou na época. Daí eu disse pra ele: “então tudo bem, você não

⁸ Idem. Lages, 27 de outubro de 1970.

⁹ Entrevista concedida por Lúcia. 50 anos. Lages, 05 de setembro de 2011.

¹⁰ Entrevista concedida por João. 58 anos. Lages, 26 de agosto de 2011.

*vai casar comigo, não vai conhecer o filho, não vai saber quem é, ele nunca vai saber de você. Você vai viver a sua vida e eu vou viver a minha”, foi que eu falei pra ele. E a partir dali eu mudei, e eu tive a criança.*¹¹

Este depoimento mostra uma realidade bastante comum no passado e também hoje, mesmo com os exames de DNA, ou seja, a negação da paternidade por parte dos homens. Regina tece longa narrativa sobre sua história, já o João disse que não quis casar e deu, não era com ele, se omite. No estudo de Geovana Poeta Grazziotin, ela observou que os homens em grande parte, já na década de 1980 e 1990, negavam-se a aceitar a gravidez, e como o exame de DNA, a partir de 1990, trouxe a possibilidade de buscar a responsabilidade masculina (GRAZZIOTIN: 2008).

No caso aqui citado, além de não querer casar, não quis assumir-se como pai alegando que “o filho” poderia não ser dele, porque eles estavam com o namoro rompido, ou seja, ele alegava ser vítima do chamado “golpe da barriga”. Esse golpe, que não foi o caso dessa situação, era comum na época, porque em caso de gravidez, muitas moças tinham o apoio familiar que forçava o casamento, o que nem sempre dava certo, pois alguns se recusavam e quando aceitavam pediam separação. Por uma questão cultural um homem, e não o contrário, quando considerava que sua moral masculina tinha sido ferida se sentia no direito de pedir separação.

Na situação de Regina, sobre a separação, o que chama a atenção é que ele se sujeitou a casar, mesmo alegando a ela pedir separação “no outro dia”, porque o cunhado dela fora falar com ele, exigir casamento, como era de costume nessas situações, numa ‘conversa entre homens’. Para o cunhado da ex-namorada ele não falou em separação, provavelmente falou que casava, entretanto para Regina ele colocou a situação da separação.

No Brasil, a lei do divórcio data de 1977, (FÁVERI e TANAKA: 2010) e desde 1972 podia se recorrer ao desquite judicial (litigioso) ou amigável (de mútuo acordo), conforme o Código Civil de 1916, artigo 315. Porém, havia um dispositivo da Lei 3.071/16 que dizia que o casamento era indissolúvel, ou seja, a relação jurídica do

¹¹ Entrevista concedida por Regina. 56 anos. Lages, 26 de agosto de 2011.

9

casamento não os dava a opção para poder casar-se novamente. Essa lei foi revogada em 26 de dezembro de 1977 pela Lei de número 6515 do Código Civil Brasileiro.¹²

Sem casamento Regina assumiu a gravidez e suas consequências. Segue a fala dela:

*Eu permaneci em casa com os meus pais. [...] Fui proibida de sair de casa. A minha mãe, quando meu pai viajava, porque ele era caminhoneiro, daí ela me levava ao médico, era quando eu saía de casa. Aí a minha mãe tirou a aliança dela e deu pra mim pra eu poder ir nas lojas comprar meu enxoval para eles acharem que eu tinha me casado, porque as pessoas, como eu era de família tradicional, as pessoas sabiam da história, elas saíam na porta das lojas para me olhar quando eu passava e quando eu entrava nas lojas elas vinham em volta de mim olhar na minha mão. [...] Enfim. Tive a criança, quando eu tive a criança meu pai não apereceu na maternidade. Tive a filha e voltei pra casa. Nunca tive contato com o pai biológico dela. [...] Depois disso aí tudo eu voltei a estudar e comecei a trabalhar pra sustentar a minha filha, né? Embora meu pai fosse rico, digamos assim, e por tudo que eu tinha sido humilhada e cobrada, eu não podia comer na mesa junto com ele, quando ele estava, que chegava de viagem, eu tinha que comer no quarto, depois que eu ia pra cozinha. [...]*¹³

Das consequências vieram às cobranças, às restrições sociais devido a uma questão moral que por sua vez estava relacionada aos costumes e aos deveres determinados a ela por um controle social. Baseadas nessa concepção de infração às leis jurídicas e de bons costumes, as pessoas se sentiam no direito de julgar comportamentos considerados imorais como este de Regina. Isso se justifica pela sua atitude de ter que usar a aliança da mãe para estar dentro da norma. O fato de estar fora das regras estabelecidas pela sociedade trazia sofrimento a nossa depoente através de sentimentos como culpa cobrança, decepção, humilhação como ela nos contou.

A falta de uma relação conjugal trazendo problemas sociais e familiares após a maternidade fez com que Regina saísse em busca de um marido. Depois de se ter uma filha a etapa do namoro para Regina deveria ser pulada, nas palavras dela: “de cara eu já conto se o sujeito quiser quis se não quiser que já caía fora porque meu negócio é casamento”.¹⁴

¹² Art. 315. Texto original: A sociedade conjugal termina: I. Pela morte de um dos cônjuges. II. Pela nulidade ou anulação do casamento. III. Pelo desquite, amigável ou judicial. Parágrafo único. O casamento válido só se dissolve pela morte de um dos cônjuges, não se lhe aplicando a presunção estabelecida neste Código, art. 10. segunda parte.

¹³ Entrevista concedida por Regina. 56 anos. Lages, 26 de agosto de 2011.

¹⁴ Entrevista concedida por Regina Souza. 56 anos. Lages, 26 de agosto de 2011.

10

Para falar dessa experiência da gravidez de mães solteiras trago a contribuição do artigo publicado em 2009 na revista *Aletheia*, Revista da Universidade Luterana do Brasil. Segue a citação:

O parto, assim como a gravidez, introduz mudanças na vida da mulher e de sua família, porém de maneira muito mais repentina. O momento do parto pode ser considerado como a passagem de um estado a outro e sua principal característica é a irreversibilidade: a gravidez tem seu fim anunciado, o bebê chegará e isso não tem volta. (MARIN, DONELLI, LOPES e PICCININI, 2009:58)

Outro caso de gravidez durante o namoro aconteceu com Inês no final dos anos 1970. Segue seu relato:

*Eu comecei a namorar com 15 e já engravidei, logo em seguida, de 15 pra 16 eu já estava grávida. [...] a gente não casou, ele não queria, era um bicho, falar em casamento pra ele, 'Deus o livre'. Mas ele nunca disse que podia não ser dele. [...] No início fomos morar juntos com um casal de amigos que fizeram a mesma coisa, ela também, tinha fugido e a mãe dela mandou ela sair de casa e daí esse amigo dele tinha uma casa, os dois trabalhavam juntos. Daí eles se propuseram a dividir a despesa conosco [...] acabou que não deu certo e eu voltei pra casa e ele foi morar com os pai dele.*¹⁵

Segue o depoimento da experiência masculina, Luís ao receber a notícia da gravidez de sua namorada:

*Quando eu casei com a Bete ela já estava grávida né? [...] quando a gente soube que ela estava grávida, se fosse ver a lógica, não tinha como a gente casar e sustentar mais uma criança, né? E na época era comum aborto. Não, não posso dizer como comum o aborto, mas a primeira reação seria o aborto. E a primeira reação minha foi não. Eu disse: "eu pego uma mochila, boto nas costas, você pega outra mochila e bota nas costas mas o nenem vai nascer, não sei aonde, nós saímos de Lages". A gente pensou em sair de Lages por causa da família, que a família não aceitasse. Então a primeira reação foi essa, "tá resolvido? Tá resolvido!"[...] Mas a reação tanto da família dela quanto da minha foi positiva. Talvez porque eles já tavam sabendo, era isso que nós queria e pronto, não têm outra opção.*¹⁶

¹⁵ Entrevista concedida por Inês. 51 anos. Lages, 26 de agosto de 2011.

¹⁶ Entrevista concedida por Luís. 58 anos. Lages, 27 de agosto de 2011.

11

Vemos que os jovens eram pegos desprevenidos numa gravidez indesejada, e as famílias, em geral, tomavam isto como um escândalo – e era mesmo, dadas as cobranças das condutas das mulheres e a necessidade da virgindade para obter um bom casamento – no caso de Luís, a família aceitou. Havia casos de abandono da filha grávida pelos pais. Mas o mais comum, passado o momento do escândalo e das fofocas, era arranjar logo o casamento e a vida seguia.

2. A GRAVIDEZ INDESEJADA E A INTERRUPÇÃO

Como vimos em Lages a imprensa noticiava que a pílula trazia problemas de saúde. Entretanto, no livro sobre aborto e infanticídio no século XX, Joana Maria Pedro, nos informa que nos anos 1960 e 1970, com a discussão sobre o controle de natalidade no Brasil, passou-se então a pensar sobre o uso da pílula anticoncepcional como forma de evitar o aborto:

[...] a discussão se deveríamos ou não adotar um programa de controle da natalidade, trouxe à pauta de discussões do tema aborto. E foi justamente para combater sua incidência e prática que se defendia a comercialização e distribuição de contraceptivos. (PEDRO, 2003: 297)

No caso das moças de Lages a moral sexual, a pressão dos “padrões sociais” era a questão central que as levava a praticar o aborto. As moças solteiras grávidas que optavam pelo aborto tinham as seguintes atitudes, procuravam mulheres que preparavam chás abortivos, ou se utilizavam de instrumentos caseiros como agulhas de tricô, por exemplo. Alguns farmacêuticos aplicavam injeções ou davam medicamentos abortivos. Algumas jovens, com melhores condições financeiras geralmente, procuravam clínicas de aborto clandestinas, mas essas não eram em Lages segundo depoimentos as clínicas procuradas eram em Caxias do Sul e Vacaria, ambas no Rio Grande do Sul e Joinville em Santa Catarina.

Ao que se refere ao aborto, novamente nossa depoente Lúcia contribui com a pesquisa nos contando experiências de amigas, colegas de escola sobre práticas abortivas em clínicas clandestinas. Nos fala das táticas utilizadas pelas moças solteiras

12

filhas de famílias tradicionais, estudantes do colégio católico *Santa Rosa de Lima* de Lages, para conseguirem fazer aborto sem que a família descobrisse. No relato abaixo, ela conta de um plano que teve um imprevisto:

Tirar bebê era a coisa mais normal do mundo, fazer aborto, várias amigas minhas, tinha Joinville que era o canal, então elas ficavam grávidas e de manhã diziam que iam pro Colégio, várias vezes as mães: “a fulana tá aí?” “sim, ela veio almoçar aqui” e ela tava indo pra Joinville tirar e tiravam e voltavam como se fosse tirar uma roupa, sabe? Teve uma amiga minha que um dia eu cheguei, eu tava almoçando e ela “eu preciso falar contigo”, na hora da comida. [...] Daí eu peguei, porque o pai era muito rígido, eu disse: “suba pro meu quarto que eu termino aqui e já vou”. [...] Daí ela: “tô chegando de Joinville” e daí ela tava sem o dente da frente, ela tinha quebrado o dente, tava só um toquinho do dente. Daí eu disse: “que que houve com teu dente?” Ela disse:” eu tô chegando de Joinville eu fui lá tirar o neném e na volta batemos o carro e agora você vai lá em casa dar uma desculpa pra mãe [...]”.¹⁷

Pela fala de Inês as moças, alunas do Colégio *Santa Rosa*, que engravidavam e queriam abortar, saíam pela manhã e iam até Joinville fazer o aborto, voltavam no mesmo dia e eram acobertadas pelas amigas.

Outro depoente, Antônio, tece sua narrativa do que lembrava sobre práticas de aborto em Lages nos anos 1970. Ele relata que nesses casos se recorria aos farmacêuticos, ou a mulheres que moravam na periferia de Lages que faziam aborto com instrumentos caseiros como agulha:

Ali no terminal existia uma Farmácia A tanto ali quanto na Farmácia B, não que fizesse aborto. Mas de repente aparecia uma menina que tava grávida, daí você chagava lá, conversava com os caras. Pagava muito caro e eles aplicavam aquelas injeções, mas era uma coisa que assim, você tinha que ir antes, à noite, muito camuflado, chamava o cara, “olha aconteceu isso tem uma menina assim que transou o que eu posso fazer? Quanto que sai?” Seria muito caro. Eles tinham acesso aos remédios e sabiam. E clínica de aborto aqui não tinha o que tinha eram algumas mulheres que faziam em bairros. Eu ouvia dizer que algumas usavam agulhas que provocava, porque perfuravam, era um risco muito alto.¹⁸

Depois do aborto as moças podiam voltar a namorar, casar sem que ninguém soubesse do ocorrido. Segue o depoimento de Regina ao receber uma proposta para fazer aborto:

¹⁷ Entrevista concedida por Lúcia. 50 anos. Lages, 05 de setembro de 2011.

¹⁸ Entrevista concedida por Antônio. 57 anos. Lages, 26 de agosto de 2011.

*[...] porque quando eu fiquei grávida, o meu cunhado, daí ele chegou Pra mim assim: “olha eu to com o carro aí, tudo pronto, a gente vai à Caxias, eu tenho um amigo médico você vai fazer o aborto e ninguém vai saber de nada. **Você pode casar, namorar, quem é que vai saber se você é virgem?**” Aí eu lembro as palavras que eu disse: “não, o que eu fiz eu assumo e quem casar comigo eu não preciso explicar nada porque eu só vou apresentar a minha filha”, eu disse pro meu cunhado. E eu não aceitei. Então, eu nunca me arrependo da atitude que eu tive, eu acho que eu me arrependeria se eu tivesse feito ao contrário, né? ¹⁹ (grifo meu).*

Na frase “Você pode casar, namorar, quem é que vai saber se você é virgem?”, esta consubstanciada a norma: casar virgem. Das mulheres cobrava-se a virgindade a qualquer custo, e as mulheres temiam sua perda, por conta das práticas e discursos morais discriminatórios corretos. Assim adentramos numa outra discussão, a questão da virgindade cobrada às mulheres e não o contrário como veremos no tópico seguir.

3. (DES) VIRGINDADE PODE VIRAR CASO DO JUDICIÁRIO

Pelo depoimento de Regina podemos perceber que mesmo em tempos de ‘Revolução Sexual’, a virgindade em cidades de interior como Lages, ainda era cobrada das moças nos anos 1970. Lembra que nessa década vigorava o Código Civil de 1916 e pelo artigo 218, após o casamento o homem tinha direito legal, caso constatasse que sua mulher não era mais virgem, de devolvê-la ao pai, ou à mãe, na falta do marido. ²⁰

Além do Jurídico, a Igreja católica também condenava a relação sexual antes do casamento. A mulher, em especial, deveria ter sua primeira relação sexual somente após o casamento, antes disso o sexo era considerado pecado. Entretanto a população jovem brasileira do final dos anos 1960 e anos 1970 “passava a acreditar que amor e prazer podiam andar juntos.” (DEL PRIORE, 2006: 301).

A questão da virgindade era uma cobrança imposta à mulher porque no caso do homem, segundo o sociólogo inglês Anthony Giddens, ao falar das sociedades modernas, era um ganho. Segue a citação:

¹⁹ Entrevista concedida por Regina. 56 anos. Lages, 26 de agosto de 2011.

²⁰ Art. 218. É também anulável o casamento, se houver por parte de um dos nubentes, ao consentir, erro essencial quanto à pessoa do outro. Complemento: Considera-se a pessoa do cônjuge, inciso IV, o defloramento da mulher, ignorado pelo marido.

A “perda da virgindade” para um rapaz, hoje em dia, assim como desde os tempos imemoriais, continua sendo uma expressão imprópria: para os rapazes, a primeira experiência sexual é uma adição um ganho. É um talismã que aponta para o futuro; entretanto, não se trata disso em relação aos aspectos mais íntimos do eu, mas um dentre outros símbolos da capacidade masculina. Para as garotas, a virgindade é ainda considerada como uma entrega. Para a maioria, a questão não é realizá-la ou não como parte da experiência sexual precoce, mas como escolher o momento e a circunstância certos. O acontecimento estava diretamente relacionado às narrativas românticas [...]. (GIDDENS, 1993: 67).

Uma funcionária do cartório de Registro Civil de Lages relatou como se davam os casamentos forçados devido à descoberta pelo pai/mãe (ou algum parente que se sentia ofendido) da não virgindade da filha:

Em namoros que os pais descobriam que a moça não era mais virgem eles obrigavam a casar. Eu conheci casos que a polícia foi buscar o noivo em casa, que o noivo não queria ir e a polícia foi buscar em casa. Isso na década de 70. E outra coisa que era bem vexatório, bem constrangedor é que as mulheres tinham que passar por aquele exame, daí ali no Instituto Médico Legal pra ver se realmente houve o ato sexual, se houve eles faziam casar. O Judiciário também era bem facilitado né? Porque daí casava na hora, não tinha o prazo que nós temos hoje, que arruma os papéis dali quinze dias que casa, antes disso não pode casar. E na época não, dizia que tinha que casar, ia lá no cartório e já casava. Até nos arquivos, a capa do casamento, que casava na hora, era capinha branca, toda de folha branca e os que casavam no prazo de lei, bonitinho já era capinha colorido, mais ajeitadinha, até na hora do processo era discriminado. Eles já faziam mesmo pra diferenciar, o que era casamento fugido que eles falavam né? E o que era casamento já mais dentro dos parâmetros.²¹

Para entender quando um namoro virava caso de polícia, como nos relatou Inês, faz-se necessário recorrer ao Código Penal de 1940, que vigora até os dias atuais. O Título IV artigos 214, 215 e 216 do Código fala sobre “crimes contra os costumes” chamado de crime de sedução, que é voltado para a defesa feminina, já que para a mulher a perda da virgindade enquanto solteira era considerado como um ato negativo. (DUARTE, 2000: 157-158)

A pena para crime de sedução seria a reclusão, entretanto, como vimos na fala de Inês, a punição do ‘autor’ seria o casar-se com a moça ‘seduzida’. Nesse sentido, a polícia não tinha direito legal de ir à casa de um rapaz para forçá-lo a casar. Essa era

²¹ Entrevista concedida por Inês. 51 anos. Lages, 26 de agosto de 2011.

15

uma questão de honra familiar. Os interessados justificavam essas atitudes alegando que era em defesa da dignidade. Geralmente era o pai ou irmão (um parente homem) da moça ‘vitimizada’ que buscava ‘lavar a honra nem que fosse com sangue’. A polícia, um órgão de defesa pública, em nome da defesa da honra e da ordem, abusava de seu poder como autoridade (TEIXEIRA e RIBEIRO, 1999-2005).

Em casos de abertura de inquérito policial acarretando ou não em processo judicial, as moças teriam que ir até o Instituto Médico Legal,²² um órgão público subordinado à Secretaria de Estado da Segurança Pública, para fazer um exame de possível violência sexual. Se fosse constatado o ato, segundo o depoimento de Inês “eles faziam casar”. Nestes casos o casamento, de ordem civil, seria às pressas que, como relata Inês, não respeitava o “prazo de lei”. O processo de entrada para o casamento no cartório de registro civil era diferenciado, de outra cor, que segundo ela, “já era pra diferenciar, o que era casamento fugido.”²³

Assim como as mulheres, os homens também sofriam cobranças. No caso deles cobrava-se virilidade. Sobre isso, cada sociedade e cultura têm seus ritos de iniciação, e quanto à sexualidade, muitos rapazes lageanos eram levados pelos próprios pais para casas de prostituição para terem sua primeira relação sexual, e por vezes tornavam-se frequentadores. Era ali que “aprendiam a ser homens”. Luís nos conta inclusive que ir para casas de prostituição dava *status*, era uma forma de distinção entre eles, ter dinheiro para gastar na “zona”:

*[...] a gente ia pras festas e da boate a gente pintava lá na zona, na Boate do Mário [...] lá era muito chique, muito granfino. E muito caro! Não sei se é tão caro hoje? Na época era bastante caro, era status você tá lá. Tinha shows, o pessoal podia assistir ao show, podia levar namorada, né? Ou podia ir sozinho arrumar uma namorada e ficar namorando lá, transando, passar a noite num quarto lá mesmo, não foi meu caso, nunca passei, mas sabia que tinha. Tinha como fazer isso lá. Tinha show de strip-tease na época, e tinha show de música, mas geralmente o strip-tease tava junto, sempre era zona, né?*²⁴

²² No IML são feitos perícias que interessam à Justiça.

²³ “Casamento fugido” era o casamento onde se tornava público que a moça já tinha tido relações sexuais com o namorado antes do casamento.

²⁴ Entrevista concedida por Luís. 58 anos. Lages, 27 de agosto de 2011.

16

Vê-se pelo depoimento de Luís que a provação da virilidade dos rapazes tinha nome e endereço, casa de prostituição, popularmente chamada de ‘zona’, neste caso a *Boate do Mário*, “da boate a gente pintava na zona”. Esse era o hábito de muitos jovens lageanos, iam para as discotecas e terminavam a noite na ‘zona’, assim demonstravam masculinidade, num espaço que exigia dinheiro para consumir sexo e bebidas caras.

Estes depoimentos mostram que em Lages nos anos 1970 os ritos de iniciação sexual seguiam as normas cobradas para rapazes e moças, sendo que sobre elas recaía a parte mais forte pelo fato de serem mulheres e exercerem a maternidade. Mas não só a educação de gênero tem sido descrita como prescritiva, pois o gênero enquanto categoria é útil à história, instrumentalizando o entendimento das relações entre homens e mulheres, combatendo desigualdades e hierarquias sociais. (FILHO, 2005: 129).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto 2006.

DUARTE, Luiz Cláudio. Representações da virgindade. **Cadernos Pagu** (14), 2000.

FÁVERI, Marlene de e TANAKA, Teresa Adami. Divorciados, na forma da lei: discursos jurídicos nas ações judiciais de divórcio em Florianópolis (1977 a 1985). **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, 2010.

FIGLIUZZI, Adriza Homens sobre rodas: representações de masculinidades nas páginas da revista Quatro Rodas. Porto Alegre, 2008. **Dissertação de Mestrado** em Educação, UFRGS.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

GRAZZIOTIN, Geovana Poeta. Investigando paternidade: do discurso da conduta feminina ao teste de DNA. (1980 -1999) **Dissertação de mestrado** defendida pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Florianópolis, 2008.

MARIN, Angela Helena, DONELLI, Tagma Marina Schneider, LOPES, Rita de Cássia Sobreira, PICCININI, Cesar Augusto. Expectativas e sentimentos de mães solteiras sobre a experiência do parto. **Revista Aletheia**. 29, jan./jun. 2009.

PEDRO, Joana Maria. Novos Tempos... Antigas questões. In: Pedro, Joana Maria (org.). **Práticas Proibidas**: Práticas costumeiras de aborto e infanticídio no século XX. Florianópolis: Cidade Futura, 2003.

ROSAS, Gloria Salazar. Localização do aborto no Chile: uma tarefa pendente. In: ROCHA, Maria Isabel Baltar da e BARBOSA, Regina Maria (org.) **Aborto no Brasil e países do Cone Sul**: panorama da situação e dos estudos acadêmicos Campinas: Núcleo de estudos de população Nepo. Unicamp, 2009.

SILVA, Elizabeth Farias da. **O fracasso da oposição no poder**. Lages: 1972. Florianópolis: letras Contemporâneas, 1994, p. 30.

TEIXEIRA, Analba Brazão e RIBEIRO, Maria do Socorro Santos. Legítima defesa da honra: argumentação ainda válida nos julgamentos dos casos dos crimes conjugais em Natal 1999-2005. **Cadernos Pagu**. Unicamp.